

Fé em
Deus
e
pé na
Tábua

Donald Miller

Fé em
Deus
e
pé na
Tábua

DESCOBRINDO A ESSÊNCIA DA VIDA
EM UMA KOMBI ESTRADA AFORA



THOMAS NELSON BRASIL

RIO DE JANEIRO, 2007

Título original
Through painted deserts - Light, God, and Beauty on the Open Road

Copyright © 2005 by Donald Miller

Edição original por Thomas Nelson, Inc. Todos os direitos reservados.

Copyright da tradução © Thomas Nelson Brasil, 2006.

SUPERVISÃO EDITORIAL
Nataniel dos Santos Gomes

TRADUÇÃO
Alexandre Martins Morais

CAPA
Valter Botosso Jr.

COPIDESQUE
Omar Alves de Souza

REVISÃO
Margarida Selmann

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Julio Fado

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M592f

Miller, Donald, 1971-

Fé em Deus e pé na tábua : descobrindo a essência da vida em uma Kombi estrada afora / Donald Miller ; tradução Alexandre Martins Morais. - Rio de Janeiro : Thomas Nelson, 2007

Tradução de: Through painted deserts : light, God, and beauty on the open road

ISBN 9788560303045

1. Miller, Donald, 1971 - Viagens - Estados Unidos, Oeste. 2. Vida cristã. 3. Estados Unidos, Oeste - Descrições e viagens. I. Título.

06-4376.

CDD 248.48

CDU 248.12

Todos os direitos reservados à Thomas Nelson Brasil
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso
Rio de Janeiro – RJ – CEP 21402-325
Tel.: (21) 3882-8200 Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313
www.thomasnelson.com.br

Mãe,

Eis aqui o primeiro livro, ligeiramente reescrito. Eu não sabia, enquanto o estava vivendo, que o tema era sair de casa. Acho que você sempre soube. Obrigado por me deixar partir. Isto sempre será seu.

Nota do Editor:

Esta edição brasileira de *Fé em Deus e Pé na Tábua* foi baseada na edição revisada do livro original de Donald Miller, lançada em 2005 pela Nelson Books sob o título de *Through Painted Deserts*. A primeira edição em inglês do livro foi publicada em 2000 pela Harvest House sob o título *Prayer and the Art of Volkswagen Maintenance*.

Sumário

<i>Um recado do autor</i>	II
1. A partida	17
2. O país das montanhas	36
3. Gelo fino	62
4. A descoberta de George Winston	80
5. O olhar de Rá	91
6. Problemas	96
7. Flagstaff	109
8. Corpos boiando na represa Hoover	117
9. A dança	128
10. A descida de Páscoa	132
11. Phantom Ranch	149
12. Bright Angel	154
13. Recompensa	167
14. Milagres	178
15. Vegas	192
16. Califórnia	196
17. Milk-shakes e torta	209
18. Café da manhã	217
19. Golfe noturno	231
20. A trilha de Oregon	244
21. Sinatra	252
22. Gentileza	264
23. A fazenda	276
24. A floresta	286
25. A caverna	301
26. Vida de fazenda	309
27. Alvorada	316
<i>Agradecimentos</i>	323

Um recado do autor

AGORA É OUTONO, MINHA PREFERIDA ENTRE AS QUATRO estações. Temos as quatro aqui, e elas chegam até nós por baixo das portas, através das janelas. Numa manhã você acorda e precisa de cobertores; tira o ventilador da janela para ver nuvens que se desmancham no meio da manhã, apenas para revelar um frescor azul, como se Deus estivesse bocejando.

Setembro é Oregon no seu auge. Os prédios se alinham como cartões postais, e os botões de rosa se abrem como crianças despertando do sono. E em Portland nos orgulhamos de nossas rosas; ano após ano, nos orgulhamos delas. Quando estão prontas, sentamos nos parques e lemos as histórias espalhadas pelo ar, contadas em sussurro para que os jardins durmam.

Eu venho para cá, para o Palio Café, por causa das grandes janelas. Se me sento do lado de fora, o sol bate na tela do meu computador, então fico do lado de dentro, nesta mesma mesa, sentado junto às vidraças gigantescas. E é como se estivesse passando um filme lá fora, como uma grande tela

verde, e hoje há um homem vestindo roupas de pastor, um hippie, inteiramente sujo, com uma bicicleta arruinada no gramado circular do outro lado da rua. Ele está comendo pão da padaria e bebendo em uma caneca metálica de acampamento. Está batendo a caneca contra sua perna, sentado como um monge, coberto de panos. Fico pensando se ele é feliz: seu cobertor amarrado na bicicleta, sem casa, sem emprego. Fico pensando se ele deixou tudo porque odiava aquilo ou porque aquilo o odiava. É verdade que alguns não suportam a vida convencional. Eles pensam coisas externas e não conseguem entender por que seguir uma linha. Eles não vêem paredes, apenas portas de espaço aberto a espaço aberto, e do espaço aberto, supostamente, para a mente de Deus, ou pelo menos é isso que nós esperamos para eles, e o que eles esperam para si mesmos.

Eu me lembro da doce sensação de partir, anos atrás, cerca de dez agora, partir do Texas para sabe lá onde. Eu não sabia sobre este belo lugar, o Oregon que passei a amar, esta cidade de grandes pessoas, este cheiro de café e estas sempre-vivas chegando a um céu enevoado, estes ocasos sobre as montanhas do oeste lançando um brilho vermelho sobre as ruas de minha cidade.

E eu não poderia saber então que, se tivesse nascido aqui, teria saído daqui, teria ido para algum outro lugar no sul para trabalhar com cavalos, conseguir um espaço aberto onde fosse possível ver a tempestade de amanhã se formando sobre o deserto. Eu não poderia saber então que todo mundo, todas as pessoas precisam partir, precisam mudar como as estações; precisam fazer isso ou morrem. As estações me lembram que preciso continuar mudando, e quero mudar porque é o caminho de Deus. Eu tenho mudado a minha vida inteira. Mudei de bebê para criança, de brinquedos macios para brincadeiras com punhais. Virei adolescente para dirigir um carro, virei trabalhador para gastar algum dinheiro. Eu me tornarei um

marido para amar uma mulher, e um pai para amar um filho. Mudaremos de casa para ficar perto da água, e de novo, para ficar perto das montanhas, e de novo, para ficar perto dos amigos, mudando sempre com minha esposa, vivendo nosso amor até ele morrer e nascer de novo e de novo, como um jardim, alimentado pelas quatro estações, um ciclo de mudanças. Todos têm de mudar, ou morrem. Todos têm de partir, todos têm de partir de casa e voltar, de modo que possam amá-la novamente por razões inteiramente novas.

Quero manter minha mente fértil para as mudanças, de modo que as coisas continuem nascendo em mim, de modo que as coisas continuem a morrer quando chegar a hora de morrer. Quero continuar a me afastar da pessoa que eu era um instante antes, porque a mente existe para descobrir coisas, não para ler a mesma página recorrentemente.

Apenas nas boas histórias os personagens são, no fim, diferentes do que eram no começo. E aquilo com que melhor consigo comparar a vida é com um livro, da forma como ele se estende no papel, página após página, como para enganar a mente e levá-la a pensar que aquilo não está acontecendo ao mesmo tempo.

O tempo também colocou você e eu num livro, este pequeno capítulo que partilhamos, esta cena imaginada, transformando nossos segundos em minutos, nossos minutos em horas. Tudo o que éramos não mais existe, e tudo o que seremos será o que foi. É disso que nascem as histórias, sua matéria-prima estando a nossos pés como fragmentos de filosofia. Às vezes olho os céus infinitos, o universo no qual não conseguimos ver limite, e pergunto a Deus o que significa. Você realmente fez tudo isso para nos deslumbrar? Você realmente o mantém mudando, girando ao redor dos eixos para afastar o tédio? Não permita, Deus, que sua glória nos distraia. E não permita, Deus, que a ignoremos.

ESTA É UMA COISA QUE DESCOBRI SER VERDADE: VOCÊ NÃO começa a processar a morte antes dos 30 anos de idade. Vivo por intermédio de visões, e elas se projetam uns 50 anos, e agora, apenas no ano passado, por exemplo, percebi que minhas visões estavam se projetando longe demais, estavam bem além de minha expectativa de vida. Fiquei assustado de pensar nisso, que eu tinha deixado de casar mais cedo ou ter filhos para escrever esses livros bobos, que tinha aceitado a mentira de que a vida acadêmica precisa ser separada da experiência relacional, como se Deus só quisesse que aprendêssemos idéias cognitivas, como se o coração do homem tivesse sido criado apenas para acelerar com filmes. Não, a vida não pode ser entendida em duas dimensões, como numa página. Ela precisa ser vivida; toda pessoa precisa sair de sua cabeça, precisa se apaixonar, precisa decorar poemas, precisa saltar de pontes para rios, precisa ficar de pé em um deserto e sussurrar sonetos sob sua brisa:

*I'll tell you how the sun rose
A ribbon at a time (...)*

[Eu digo a vocês como o sol se ergueu
Uma faixa de cada vez (...)]

É UM LIVRO VIVO, A VIDA; ELA SE DESDOBRA EM UM milhão de cenários, tem um bilhão de belos personagens, e está quase acabando para você. Não importa qual a sua idade; ela está chegando ao fim rapidamente; logo subirão os créditos e todos os seus amigos sairão do seu funeral, voltarão para suas casas frios, paralisados e em silêncio. Eles acenderão a lareira, tomarão um vinho e pensarão em quem você foi... e sentirão uma espécie de mal-estar com a idéia de que você não será mais.

Então, você logo estará naquele ponto do livro em que tem a maior parte das páginas na mão esquerda e só um pedacinho da história na mão direita. Você saberá, pelo número das páginas, não pela narrativa, que o Autor está amarrando as coisas. Você começará a lamentar pelo fim e a querer diminuir seu ritmo até o encerramento, sabendo que as últimas linhas falarão de algo belo, do fim de algo longo e conquistado, e você esperará que a conclusão seja como os últimos suspiros, como sussurros sobre o quanto e quem os personagens amaram, e quão verdadeiros foram os sentimentos quando eles tiverem chegado à marca de uma centena de páginas.

Assim, oro para que sua história tenha envolvido algumas partidas e alguns retornos, alguns verões e alguns invernos, algumas rosas se abrindo como crianças brincando. Minha esperança é que sua história seja sobre mudança, sobre algo de belo nascendo dentro de você, sobre aprender a amar uma mulher ou um homem, sobre aprender a amar um filho, sobre se mover ao redor de água, ao redor de montanhas, ao redor de amigos, sobre aprender a amar os outros mais que a nós mesmos, sobre entender a individualidade como uma forma de compreender Deus. Nós temos uma história, você e eu, e só uma. Deus definiu os elementos, o cenário, o clímax e a solução. Seria um crime não se arriscar, não?

Talvez seja a hora de você sair. Talvez seja a hora de mudar, brilhar.

Quero repetir uma palavra para você:

Parta.

Saboreie a palavra em sua boca algum tempo. É uma bela palavra, não? Tão forte e determinante, da forma que você sempre quis que fosse. E você não estará só. Você nunca esteve só. Não se preocupe. Tudo ainda estará lá quando você voltar. Você é quem terá mudado.

1. A Partida

HOUSTON, TEXAS, VISTA À NOITE DA RODOVIA INTERESTADUAL 45 é belíssima. A interestadual se aproxima e se choca contra o centro da cidade em um elevado em curva fechada que abraça os arranha-céus por três quartos de circunferência antes de se voltar para o norte, rumo a Dallas, e para o sul, em direção à costa do Golfo. Como se sabe, é uma cidade enorme, o horizonte brilhando com prédios e luzes e luzes. Um farol isolado na superfície plana do sul do Texas.

Ela brilha à noite. As torres estão acesas e a estrada é só nossa. O letreiro luminoso de um banco marca 2h30, intercalando com a temperatura de 23 graus. Houston dá uma sensação de vazio a essa hora. Seu tamanho exige tráfego e barulho. Mas é uma cidade sulista, e as pessoas dormem em horário adequado, deixando a paisagem entregue a sinais de trânsito que mudam sem que haja alguém para obedecer a seu comando. Viajar à noite é melhor. Um ar morno e denso entra pelas janelas como água de um rio, fluindo em círculos ao redor de nossas cabeças. Paul e eu estamos quietos, nossos pensamentos abafados pelo barulho de lata de sua Kombi

1971. Seguimos rumo norte para Oklahoma, e em seguida, talvez, o Grand Canyon. Depois disso, não temos planos, a não ser chegar a Oregon antes de nosso dinheiro acabar. Partilhamos uma sensação de excitação e liberdade. Não uma liberdade rebelde, mas uma espécie de paz sem prazo de validade. Não há nenhum lugar onde estar amanhã. Não há nenhuma estrada específica que sejamos obrigados a tomar, e imagino que, se um de nós falasse com o outro sobre isso, mesmo o cânion poderia ser substituído por qualquer outro local interessante. Esta noite, somos viajantes no verdadeiro sentido da palavra, uma ligeira noção de um destino final e nenhuma programação a seguir. Nós simplesmente estamos nos movendo por mover.

Nossos planos foram partilhados com amigos, mas poucos entenderam. “Partindo para se encontrar” era a interpretação padrão. Não acho que seja essa nossa questão. Somos moldados por nossas experiências. Nossa percepção de alegria, medo, dor e beleza é reforçada ou embotada pela forma como deslizamos pelo tempo. Meus sentidos tinham ficado embotados, e esta viagem é um esforço para despertá-los.

— Neva muito em Oregon? — pergunto a Paul em uma voz suficientemente alta para superar o vento e o motor.

— Neva 60 centímetros todo inverno no interior do Oregon, mas não tanto ao longo do Pacífico — diz ele, esticando-se para ajustar o retrovisor do motorista.

— Você acha que ainda haverá neve no chão quando chegarmos lá?

— Duvido. A maior parte da neve derrete em março. Vamos chegar dois meses atrasados. Talvez haja alguma neve nas montanhas. Veremos.

Minha mente estava mergulhada em paisagens montanhosas. Paul tinha vivido no Oregon a maior parte de sua vida, e contava histórias da geografia. Por intermédio dele, conheço a aparência e o clima do Jefferson Park, das Three Sisters e do Crater Lake, todos ligados por uma trilha da Cordilheira do Pacífico que sobe a Sierra Nevada e segue para a Cadeia de Cascades, do México ao Canadá. Eles têm trutas do tamanho de percas, bares lotados de garotas bonitas, um oceano cercado de montanhas, quedas d'água, cânions e quase tudo o que Ernest Hemingway inclui num romance. Em Oregon, os homens vivem nas florestas e deixam a barba crescer. Eu sei que acontece da forma como Paul diz porque ele não desvia os olhos quando fala e suas histórias nunca são longas.

Paul e um amigo deixaram Oregon alguns meses antes e estavam viajando pela América em sua Kombi. O amigo de Paul conheceu uma garota em Nova Orleans e decidiu ficar, tocar jazz nas ruas e tentar construir uma nova vida no sul. Paul deixou Nova Orleans e seguiu sozinho até Houston, onde seu dinheiro acabou. Ele conseguiu um emprego em uma refinaria de petróleo, caminhando no alto de caminhões-tanque, checando as válvulas para garantir que estavam bem fechadas, subindo as escadas dos reservatórios verticais no fim da noite para conferir a paisagem de chaminés e luz amarela, respirar o enxofre, o sal e a umidade como forma de perceber sua beleza humana. Fazia tudo isso, porém, com saudades de sua casa, da mesma forma que um homem abraça a mulher que tem enquanto pensa na mulher que ama. De alguma forma, Paul conheceu meu amigo Fred, e, embora ele só estivesse em Houston havia alguns meses, nós o recebemos em nosso pequeno círculo de amigos. Ele era basicamente quieto, mas se você o estimulasse o suficiente, conseguia fazer com que falasse sobre a vida na costa noroeste do Pacífico, sobre animais selvagens percorrendo as florestas timidamente, parados como estátuas quando se passava por eles, mas disparando como um

raio quando alguém erguia seu rifle. Ele falava um pouco a respeito, então sentia a falta daquilo e imediatamente parava, dando vez a outra pessoa — alguém de Houston que só tinha histórias sobre bares e garotas e resultados de futebol. Suas histórias penetravam em mim como a Terra do Nunca. E sabia que uma pessoa de um lugar como aquele jamais poderia permanecer em um lugar como Houston.

Houston não é uma cidade para um cara como Paul; ele não se encaixa nela. O tempo passa rápido aqui; as pessoas estão sempre correndo para dar conta. Paul existe no tempo, mas mal se dá conta de como ele transcorre. Eu tenho o hábito de conferir meu pulso a cada dez minutos, e não acredito que ele algum dia tenha tido um relógio. É um minimalista. Tudo de que precisa está nesta *Kombi*. *Seu equipamento inclui uma caixa de ferramentas, um fogão de acampamento, uma mochila e cerca de dez livros de Louis L'Amour*. Eu acho que ele tem um jeans, alguns shorts e tênis escondidos atrás do banco, mas nada além disso, exceto as roupas que está vestindo. Ele é a prova viva de que você pode ter satisfação sem a acumulação de bens. O mais perto que cheguei desse tipo de raciocínio foi refletindo sobre os textos de Hank Thoreau. Mas fui a Walden Pond um ano antes, apenas para ver e sentir o lugar, apenas para caminhar sozinho junto à água, e eles tinham transformado aquilo em um subúrbio. Dói ouvir o tráfego correndo em meio às árvores. As pessoas saem da terra da solidão de Thoreau para Boston para trabalhar em bancos, em escritórios de advocacia. E fico pensando se Walden ainda existe. Não estou falando sobre o Walden real, aquele de Boston; estou falando sobre a terra sobre a qual Deus fala, e para onde iremos depois que tivermos cumprido seu propósito na Terra.

PAUL E EU NÃO NOS CONHECÍAMOS HÁ MUITO TEMPO. Fred o levou a uma casa de praia que eu e outros caras alugamos todos os anos no inverno, quando o fósforo contido na água se dissolve. No inverno é possível andar ao longo

da praia vazia no meio da noite, e as ondas têm um brilho verde. Não há luzes na Crystal Beach, apenas casas espalhadas pelas dunas, e na escuridão do Golfo é possível ver uma plataforma de petróleo. Então, de repente, vindo do leste, um rio verde, uma onda naturalmente acesa que irá iluminar o oeste por 90 metros antes de se dobrar em seu próprio brilho flutuante. É o equivalente líquido da aurora boreal. É possível andar pela areia molhada e ver suas pegadas brilharem e desaparecerem, as mais distantes lançando um último brilho, aquelas aos seus pés brilhando em uma química ativa. Meu amigo Kyle descobriu o fenômeno há alguns anos, então vamos lá todos os anos e fazemos fogueiras na praia, bebemos cerveja e, de tempos em tempos, um de nós se levanta e caminha até as ondas para pensar sobre a maravilha natural.

Ele estava fazendo flexões em uma viga sob a casa quando cheguei. *Quem é o surfista?* — pensei. Paul é Oregon de coração, mas parece da Califórnia. Tem cabelo louro desgrenhado e um sorriso que atrai as mulheres. É coberto de músculos, levando sua compleição mediana em passadas eficientes, firmes. Braços de nadador, não excessivamente inchados, mas eficientes, finos e bronzeados.

Havia velhos amigos a encontrar, então não conversamos no primeiro dia. Veio a noite e dormi em uma rede na varanda. Fui acordado pouco depois do nascer do sol por alguém arrastando um caiaque sobre as dunas na direção da praia. Observei enquanto Paul erguia o caiaque até o ombro e seguia tropeçando para a margem por 45 metros. Ele jogou o caiaque na água, tirou de dentro o remo de duas pás e se enfiou na abertura. Partiu em meio às pequenas ondas e deslizou pelo lado plácido do Golfo por alguns minutos, sentindo o caiaque; então se virou e remou para o oceano até desaparecer no horizonte. Cerca de meia hora se passou sem que ele voltasse. Preocupado, deslizei da rede e me apoiei na balaustrada. Nenhum sinal dele. Eu o confundi com ondas,

antes de finalmente identificar o movimento de remada, o remo se erguendo da água como uma bomba, puxando de um lado, depois do outro.

Naquela noite, ao redor da fogueira, Paul nos falou sobre seu passeio matinal. Disse que tinha encontrado um cardume de golfinhos e remado acima deles enquanto cruzavam por baixo do caiaque, brincando com ele, ficando a menos de três metros do barco e então mergulhando para o fundo. “Era como se eles quisessem disputar uma corrida”, contou. “Eles estavam deslizando ao meu lado da mesma forma que um cachorro corre ao lado de um carro em movimento.”

Aquele tipo de aventura mereceu nossa admiração, e assim que tivemos a certeza de que ele não estava interessado em nossas namoradas, o incluímos em nossas viagens. Paul era uma boa companhia, e sua Kombi vinha a calhar. Fizemos viagens de fim de semana a New Braunfels e ao interior do Texas, parando apenas para urinar em pontes, sempre suportando a dor e a tortura até finalmente chegar a um rio ou viaduto, onde saltávamos e nos colocávamos junto à proteção, erguendo as cabeças para o céu e suspirando de alívio.

Logo começamos a falar de uma viagem mais longa, durante a qual viveríamos meses na Kombi, conhecendo pessoas diferentes e descobrindo regiões do país que nunca tínhamos visto. Traçamos roteiros hipotéticos subindo a Costa Leste ou rumo norte para os Grandes Lagos. Compramos um mapa e traçamos estradas secundárias, ligando cenários de batalhas da Guerra Civil. Avaliamos o Cinturão da Bíblia e as ilhotas da Flórida. Imaginamo-nos em Nova York, e chegamos mesmo a telefonar para perguntar sobre ingressos para algum jogo dos Yankees. Paul e eu começamos a pensar seriamente na viagem. Passamos dias na internet e na biblioteca, folheando páginas brilhantes de montanhas, rios e cidades à noite. Quando nossos sonhos se transformaram em planos, nossos outros amigos se recolheram a idéias de responsabilidade e conforto. Eles fi-

caram apreensivos — aquilo significaria deixar os empregos ou trancar a faculdade por um semestre. Não demorou para que Paul e eu fôssemos os únicos que queriam ir.

EM NOSSAS DESPEDIDAS, HAVIA UM SENTIMENTO DE PERMANÊNCIA. Algumas despedidas foram mais substanciais que outras. O último abraço de Kristin foi difícil. Nosso relacionamento tinha chegado ao fim por causa da viagem. Eu não podia obrigá-la a aceitar uma promessa não convicta de voltar logo, então alguns dias antes de partirmos, eu rompi.

Nós nos separamos com dignidade. Em nossas últimas horas juntos, ela tinha perguntado novamente quais eram minhas razões para partir. Falei a ela da necessidade de viajar, acumular lembranças e ficar, por algum tempo, inteiramente livre. Ela não conseguiu entender, mas foi compreensiva ao aceitar minha explicação, e com a garantia de que havia algo melhor para ela, assim como havia para mim.

Nosso tempo juntos terminou rápido demais. Deveríamos ir à casa de um amigo em que nosso grupo unido tinha se encontrado para as despedidas. A Kombi de Paul já estava lá quando Kris e eu chegamos. Nós podíamos ouvir pessoas conversando lá dentro, então entramos sem bater. A sala estava cheia de rostos conhecidos. Paul estava no sofá com Bob, Jim e Kyle. Ele estava respondendo de modo vago a uma pergunta sobre nosso itinerário. Tia, Heather e Kurt estavam na cozinha. Jeremy, que estava sentado na escada, tocando violão, foi o primeiro a nos ver.

— Sabe, nunca achei que você fosse um hippie — disse Jeremy.

— Eu nunca me vi como um hippie — respondi.

Ele soltou a mão do violão e a estendeu para mim. Apertando minha mão com força e me olhando nos olhos, ele disse:

— Vou sentir sua falta.

— Eu também vou sentir a sua — respondi.

Em segundos, estávamos cercados, e Kristin escapuliu para a cozinha para fugir da realidade do momento. Houve despedidas sinceras; havia um tom de perda em suas vozes. Foi bom ser o centro das atenções, tenho de admitir. Nós éramos vagabundos, errantes, rebeldes partindo para descobrir a América. Contamos histórias, rimos e prometemos escrever. Fred nos deu cruzes de prata em cordões de couro, e Dan nos deu cobertores de lã que tinha apanhado em seu alojamento na Guarda Costeira. Percebi uma inveja inocente nos outros caras. Gostaríamos que eles se juntassem a nós, e eles também gostariam, mas a escola e o trabalho eram os donos de sua juventude. Viagens como a nossa eram a grama sempre mais verde do vizinho, que permaneceriam desconhecidas por medo de acreditar em ditados banais, ditados que, algumas vezes, são verdadeiros. Mas a existência deles se submete ao peso e à consciência do tempo, um lugar do qual estávamos lentamente escapando, um mundo se tornando mais distante a cada hora e quilômetro. Nossas cartas chegariam como mensagens em garrafas lançadas de costas distantes.

CADA QUILOMETRO PERCORRIDO REDUZ O PESO EM MEU peito. Nossos amigos voltaram para suas casas, onde já estão dormindo há muito tempo. E nós estamos abandonando o mundo conhecido para entrar no desconhecido. As torres de vidro deram lugar a subúrbios e shoppings mal iluminados. Nós estamos naquela região de Houston em que os filhos dos filhos de caubóis vivem em comunidades impecavelmente planejadas e jogam golfe no fim de semana. Eles se casaram com as meninas pelas quais se apaixonaram na escola e trocaram cavalos por Volvos, metade deles batistas do sul que aspiram entrar para a política.

A Kombi se move lentamente. Consigo me concentrar em um refletor colocado na barreira de concreto que separa as pistas dos sentidos norte e sul da estrada. À medida que nos aproximamos, viro a cabeça para observar seu brilho branco se apagar quando passamos.

— Na velocidade em que estamos indo, talvez não cheguemos ao noroeste antes do próximo inverno — comento.

Paul aperta o acelerador.

— A esta velocidade, talvez nem mesmo saíamos de Houston até o inverno.

Paul se sente mais confortável do que eu com o avanço lento. Viajamos a meros 80 quilômetros por hora, e, nas subidas, a Kombi engasga e desce alguns traços no velocímetro. Do banco do passageiro, posso ver o painel, onde os quilômetros se arrastam a passo de lesma.

Paul apelidou seu carro de “lavatório da estrada”, e é um nome adequado. Aquele caixote mal se ajusta às exigências estaduais. Sobreviventes dos anos 1960, esses veículos são lembranças ambulantes da época de Woodstock. Casais abrigados em Volvos passam por nós nas ruas, olham um para o outro e se lembram da época. Compreendo por que este é considerado o “carro hippie” por excelência. Quatro pessoas dormem confortavelmente na Kombi (cinco, caso você coloque uma placa sobre os dois bancos da frente). Paul tinha reconstruído o armário da pia com pedaços de madeira. Ele fica logo atrás do banco do motorista. Depois da pia, paralelamente à janela de trás, há uma cama dobrada em um banco. É possível criar outra cama girando uma manivela que ergue uma geringonça parecida com uma barraca no teto. Há duas caixas de livros no piso entre a pia e o banco, e outra caixa

de comida e utensílios no espaço aberto abaixo da pia. Há vários cobertores dobrados sobre o banco, e nossas duas mochilas estão nas laterais do banco, onde podem ser alcançadas facilmente. O interior é preto, com plásticos e borracha. O carro foi construído quando o plástico era um material novo e, portanto, mais rígido do que aquele que se faz hoje em dia. Um rádio toca-fitas se destaca em um buraco no painel, e há dois botões que acionam saídas de ar no console. A alavanca de câmbio é longa e sai diretamente do piso. Kombis têm motores traseiros, de modo que estamos sentados bem na frente do carro. Uma olhada sobre o painel me permite ver os faróis e o pára-choque dianteiro com a estrada deslizando logo abaixo.

SE ESTENDENDO À NOSSA FRENTE HÁ UMA INTERMINÁVEL rede de interestaduais, auto-estradas e estradas secundárias, uma malha de qualidade variada, ligando cidade a cidade e estado a estado, Home Depot a Starbucks. Cada cruzamento é uma artéria que leva a locais de trabalho, escolas e lares. Pequenas cidades pontuam a interestadual por mais de 80 quilômetros ao norte de Houston. Cada cidade é um pequeno mundo: jogos de futebol nas escolas, piqueniques de igrejas e reuniões de escoteiros mantêm a vida correndo em um ritmo confortável. Esta noite, não passam de feixes de luzes estendidos de bairro a bairro. Cada bairro com seus lares, cada lar com sua família, e cada alma serena dormindo separada da outra por uma fina parede. Charles Dickens nos diz que cada coração é um mistério profundo para o coração que bate mais perto dele, e estou começando a entendê-lo. Ver as cidades escuras passando dá a elas novo significado. Durante o dia, as ruas são tomadas por carros nos sinais, mas, esta noite, as grossas linhas escuras simplesmente separam um bairro do outro, um grupo socioeconômico daquele que ele já foi. E para mim é estranho pensar nas milhares de pessoas adormecidas, quietas em seus

lares, relógios tiquetaqueando nas paredes, cães respirando ao pé da cama de seus donos, e me dar conta de que há 6 bilhões de pessoas vivendo em 6 bilhões de lugares. Essas casas abrigam pessoas que não conhecemos. Tantas pessoas adormecidas; todas elas, espíritos limitados pela carne, sustentados por ossos e presos no tempo.

Eu raramente questiono o mistério de tudo isso. Nós somos átomos ligados para criar grandes animais inteligentes e desajeitados, animais de construção complexa, equipados com mentes, corações e tudo mais. Girando em segredo, ao nosso redor, há um sistema intrincado de leis físicas inter-relacionadas, inteiramente dependentes umas das outras para funcionar. E estamos no meio disso: atores em uma peça de Shakespeare, loucos nas ruas de Nietzsche, acidentes no universo de Sagan, crianças na criação de Deus.

E imagino que parte de meu desejo de deixar Houston seja uma tentativa de compreender este mistério. Minha vida, este presente que recebi, tem sido desperdiçada até agora tentando responder às perguntas sem sentido. Recentemente, passei a acreditar que há perguntas mais importantes que aquelas que começam com *como*: *Como ganhar dinheiro, como transar, como ser feliz, como me divertir?* Em uma de nossas viagens ao interior do Texas, fiquei no alto de uma montanha no deserto e olhei para o céu infinito, bem dentro da escuridão do universo, com aqueles bilhões de estrelas parecendo cair pelo vazio de nada para lugar nenhum. Eu fiquei ali por 20 minutos, e como tinha acontecido algumas vezes naquele ano, minha mente chegou à pergunta *por quê?*

A princípio, a pergunta me aterrorizou. Havia começado a questionar minha fé em Deus, uma espécie de versão comercial e americana da espiritualidade. Tinha dúvidas por causa da tolice de seus pressupostos. A crescente questão do *porquê* se manifestava havia algum tempo, e antes só tinha sido respondida por proposições do cristianismo ocidental de mu-

dança de comportamento. *O que é beleza?* — perguntaria eu. *Aqui estão os cinco segredos de um bom casamento*, seria a resposta que receberia. Era como se ninguém estivesse prestando atenção à pergunta que estava sendo murmurada por toda a criação, murmurada por intermédio da pressão de nossas tensões sexuais, nossa bioquímica rompida, a mistura de luz e poluição que torna gloriosos nossos ocasos. Comecei a acreditar que a fé cristã era mais um sistema religioso inventado na história humana do que uma série de idéias verdadeiras que explicava a história. O cristianismo era um peão nas mãos dos políticos, um sistema moral para controlar nossa natureza corrompida. A religião parecia ter brotado de algo belo, sem dúvida, mas tinha sido transformada em tolice e ocidentalizada. Se *fosse* um sistema religioso que explicasse a história humana, seus seguidores tinham perdido a grandeza de sua explicação em troca da legitimação de seus estilos de vida — o *como* —, a tal ponto que as perguntas *porquê* pareciam estar se afogando na saliva do cachorro condicionado de Pavlov. E não era apenas a Igreja que estava se afogando: era toda a humanidade — ou, pelo menos, todo o Ocidente. Nossos arranha-céus e equipes esportivas, nossos shoppings e nossos bairros cuidadosamente planejados, nossa política idiota, nossos meios de comunicação opressivos prometendo êxtase a cada utilização de um detergente específico. O que significa tudo isso? Somos nós animais fazendo ninhos? Somos nós ratos em uma gaiola gigantesca, todos incapazes de pensar além dos instintos? E minha fé? Ela vive nesses instintos, sempre me conduzindo à felicidade? Ou é maior, explicando o *porquê* da vida, o *como* de uma rasa reflexão posterior?

Não apenas minha fé estava abalada. Comecei a pensar em quais das idéias em que eu acreditava não eram verdadeiras. Eu acreditava que não era suficientemente atlético; burro demais, achava que tinha de entrar para a faculdade; cria que os Astros eram um time mais importante que os Mets; acre-

ditava que jeans que custavam 50 dólares eram melhores que jeans que custavam 30 dólares; acreditava que viver em uma determinada região da cidade tornava a pessoa mais importante que a que vivia em outra. Eu olhava para o universo, e ele não apresentava nenhuma confirmação científica de que qualquer dessas coisas fosse verdade. O universo não estava me dizendo que eu era burro; não estava me dizendo que um jeans era melhor que outro. O universo estava apenas girando lá em cima, como se estivesse criando a beleza pela beleza, sem dar qualquer atenção à frivolidade da humanidade. E eu gostei do universo. Eu gostei muito do cosmos. Parecia que ele entendia alguma coisa que talvez a humanidade não entendesse.

Assim, ao substituir perguntas *como* por perguntas *por quê*, comecei a testar a validade dos pressupostos. Não havia uma ciência se apresentando autoritariamente. Todas aquelas idéias pareciam subjetivas, e como pareceram subjetivas, começaram a soar subjetivas. Longe de deprimir, isso me conduziu a algo bastante bonito. Garotas que eu tinha ignorado como não sendo suficientemente belas se tornaram adoráveis para mim. A gentileza, a profunda humildade, a ternura, a feminilidade e sua verdadeira imagem deixaram de ser comparadas com as mentiras da publicidade. Se eu não conseguia entender um conceito, não me criticava por ser obtuso; o universo não parecia estar sugerindo que havia mais valor em um idiota do que em um intelectual. E os jeans também ficaram mais baratos.

Confesso que queria acreditar que a vida era algo mais, maior que meus pressupostos. Lá, sob o universo, no deserto do Texas, sob aqueles bilhões de estrelas e a abóbada dos éons negros como o breu do nada, no alto daquela montanha, comecei a pensar se a vida era algo diferente do que eu achava que era, se havia alguma espécie de beleza deslumbrante para ser descoberta, que se pudesse apreender no *porquê* da vida.

E eu precisava acreditar que a beleza significava algo, precisava que Deus sáísse de seu palanque de auto-ajuda e estivesse disposto a dizer algo eternamente significativo, inteligente e que fizesse sentido, mais sentido que as linhas repetidas dos anúncios de detergente. Eu precisava que Deus fosse maior que nossa economia de livre mercado, maior que nossos cupons de descontos e ofertas, maior que nossas idéias religiosas.

— VOCÊ JÁ ESTÁ CANSADO, PAUL? ELE ESTÁ PARECENDO UM bêbado ao volante.

— Eu fiquei um pouco cansado — responde.

— Por que você não encosta na primeira oportunidade que tiver? Eu preciso ir ao banheiro e podemos trocar.

Depois de 30 quilômetros, nós vemos uma placa indicando área de parada. Paul reduz a velocidade da Kombi e pega a entrada, passando por algumas árvores até um estacionamento. Há uma dúzia de cavalos mecânicos ou mais, estacionados em grandes espaços. Passamos por eles até um lugar perto dos banheiros. Paul desliga o motor e somos imediatamente engolidos pelo zumbido e a agitação de um milhão de grilos. O silêncio do Texas. Eu me curvo e estico as costas. Saindo da Kombi, estamos lentos e cansados da viagem enquanto nos dirigimos ao banheiro.

— Não acho que ainda saiba usar as pernas — diz Paul, caminhando de uma forma exageradamente cambaleante.

— Tenho a certeza de que você apenas coloca um pé na frente do outro, mas isso definitivamente não parece certo — brinco.

A temperatura caiu, e uma camada de umidade cobre o chão. Besouros burros dão mergulhos rápidos e ruidosos na

direção de uma luz na parede. Um besouro de asa quebrada se contorce na calçada. Eu o esmago com a bota e digo suavemente para mim mesmo: “Todas as suas perguntas foram respondidas”. Paul abre a pesada porta de vaivém do banheiro, e somos engolidos por um fedor terrível.

— As pessoas realmente deveriam se alimentar melhor — diz.

Nós prendemos a respiração, mas podemos sentir no calor do lugar, na umidade do piso, o cheiro horrível que nos cerca e parece se esfregar contra as pernas das calças. Volto para o mundo externo antes de Paul e respiro fundo em busca de ar como um mergulhador ao chegar à superfície do oceano. Seguindo para o gramado, deito-me em uma mesa de piquenique para esticar as costas. As estrelas nesta região do país são distantes e apagadas. Elas se agrupam em retalhos, e estão encerradas em uma escuridão enevoada, cinza e úmida. Há alguns retalhos escuros mais leitosos que outros, que reconheço como nuvens altas quando se movem lentamente, engolindo estrelas cintilantes, uma de cada vez.

A estrada de Houston a Dallas atravessa o coração do grande bosque fechado. Nós estamos engaiolados em uma cerca de pinheiros altos. Um cobertor de pinhas e cascas vazias se estende pelo gramado. Atrás de nós, uma ilha de árvores é cercada dos quatro lados pela auto-estrada, a área de parada, sua entrada e a saída. À nossa frente, do outro lado do estacionamento, uma floresta densa, escura e sombria estende-se talvez até Nacogdoches. Salvo o coro dos grilos, o ar está silencioso e imóvel, os motoristas dormem em seus caminhões e a área está quieta e em paz.

— Devemos dormir aqui? — pergunta Paul.

Nós não tínhamos dirigido mais do que quatro horas, e fizemos isso lentamente. Não havíamos avançado o suficiente para parar, independentemente do tempo. Eu disse a Paul que provavelmente conseguiria chegar a Dallas, e talvez até Oklahoma.

— Por que você não abre a cama e dorme enquanto eu dirijo? — sugiro.

— Parece bom — diz Paul, esticando as costas e caminhando ao acaso ao redor da mesa de piquenique.

Seus jeans estão gastos e rasgados em um dos joelhos. Eles parecem ter saído de uma betoneira. Percebo que um dos furos do lado de dentro da perna da calça está remendado com um tecido de padronagem vermelha.

— Isso é uma bandana? Você remendou sua calça com uma bandana?

Ele me lança um olhar defensivo.

— São meus jeans prediletos.

— Você fez isso sozinho? — pergunto.

— Sim, e daí?

— Nada, só estou pensando.

Paul volta à mesa e se senta. Há um breve período de silêncio, então eu falo.

— Paul?

— O quê?

— Eu estava pensando... vai ficar um pouco frio na estrada, e eu esperava que você pudesse costurar para mim uma colcha ou alguma coisa, talvez um cachecol. Você tricota?

Paul me ignora. Estou olhando para o céu, tentando encontrar estrelas.

— Vai ficar bastante frio lá, e eu não sou capaz de pregar nem um botão.

— Parece que você pegou ar quente demais — ele diz, caminhando ao redor da mesa, de onde me empurra para poder sentar.

Escorrego do banco da mesa para a grama molhada. O chão está frio, mas é uma mudança refrescante, depois dos bancos fixos da Kombi. Paul tira um cachimbo do bolso e aperta o fumo com o polegar. Ele pega um isqueiro que disse que ganhou do pai, alguma engenhoca do exército que tinha sido repassada por seu avô. Quando acende o cachimbo, as primeiras espirais de fumaça sobem, brancas como algodão, e o cheiro de flores e amêndoas se espalha pelo gramado até a Kombi.

A auto-estrada tem o som parecido com o de um oceano. Caminhões distantes se aproximam até que seus motores barulhentos aceleram por nosso trecho de estrada e então desaparecem rumo a Dallas. Dois faróis se movem como lanternas através das árvores quando uma carreta se arrasta lentamente para a área de descanso, e seus freios guincham e assoviavam quando o motorista manobra o caminhão até chegar a um ponto na extremidade mais distante da área de parada. Ele desliga os faróis, e o lugar fica novamente escuro.

— Acho que devemos ir — digo, ainda deitado na grama.

— Estou quase dormindo — conta Paul. — Você dirige?

— Estou bem — digo, me levantando e espanando as folhas de grama das costas.

Paul abre a porta lateral e estende a cama. Ele se deita sobre o colchão e fecha a porta atrás de si com o pé. Ouço suas botas caindo no espaço entre os bancos da frente enquanto entro pela porta do motorista. Fico um instante sentado e penso para onde estamos indo. Para Dallas, depois Oklahoma, então Arizona. Depois... quem sabe? Qualquer coisa que exista entre o Arizona e o Oregon.

O pedal de embreagem oferece pouca resistência. Eu o aperto contra o piso apenas com o peso do pé. Com o câmbio em ponto morto, tento ligar a Kombi. O motor gira várias vezes antes de eu desistir da ignição. Não liga. Bombeio gasolina e tento novamente. Mais uma vez, nada. Já tive um velho Datsun que me dava o mesmo problema. O carburador ficava inundado sempre que eu tentava ligar. Lembrando de uma solução que usava com o Datsun, mantenho o acelerador apertado até o fim por alguns segundos para drenar o carburador e então bombeio uma vez. Virando a chave, ouço o motor ligar imediatamente. Com o câmbio em ponto morto, movo a alavanca para frente e para trás. A embreagem arranha ao entrar em ré, e o motor assovia e estala enquanto dou ré no estacionamento. Pego a rampa de retorno à rodovia lentamente, e, mesmo apertando o pedal até o fim, não há potência. A Kombi parece velha e sem disposição. Ela produz algo parecido com um assovio, e intervalos breves se repetem e intercalam o funcionamento das válvulas. Entramos na auto-estrada a passo de tartaruga, como uma carreta totalmente carregada. Há um inseto de asas grandes e sangue amarelo esmagado no limpador do lado do motorista. Uma das asas balança ao vento, enquanto a outra está imóvel como se estivesse presa ao próprio limpador. Eu não o tinha visto do outro lado.

A interestadual se estende por longos montes baixos. As luzes traseiras vermelhas de um caminhão solitário brilham a distância, desaparecendo e reaparecendo à medida que

subimos e descemos. Meus faróis lançam um brilho fantasmagórico sobre a estrada borrada enquanto as faixas brancas se aproximam, lentas no alcance dos faróis, então acelerando à medida que chegam mais perto até dispararem como *lasers* junto à roda esquerda. Pinheiros imponentes, mantendo uma distância cuidadosa e desconfiada, deslizam à esquerda e à direita. Fecho a janela até a metade quando o ar começa a esfriar.

Há, na viagem noturna, uma solidão inexistente à luz do dia. A luz do dia é ampla e reveladora; postos de gasolina, fábricas e florestas ganham vida sob o sol. A noite cobre tudo. É como se um lençol tivesse sido jogado sobre as preocupações do dia, lançando-as em nossas memórias para meditação e reflexão. Ocorre a mim, como algumas vezes acontece, que este dia terminou e nunca mais será vivido novamente, que somos apenas a soma de dias, e quando eles são gastos, não voltaremos a este lugar, este momento, estas pessoas e cores, e fico pensando se devo ficar triste ou feliz com isso, confiar que essas horas devem ser desfrutadas como uma espécie de bênção. E parece que hoje há muito em que pensar, há muito que recebemos e muito que deixamos para trás. O cheiro de liberdade é tão ativo quanto o ar que atravessa as janelas. E há a sensação de que o próprio tempo foi engolido pela escuridão.